

**Evento:** XXVI Jornada de Extensão ▾

O CANTO CORAL E A SUBJETIVIDADE: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DA EXPERIÊNCIA NO CORAL UNIJUÍ¹

Bernardo de Campos Santos², Lizandra Rodrigues³

¹ Pesquisa bibliográfica, realizado no programa de fomento, Coral UNIJUÍ

² Bolsista; estudante do curso Psicologia; Bolsista do programa de fomento: Coral UNIJUÍ

³ Orientadora do projeto Coral UNIJUÍ

INTRODUÇÃO

Cantar em um coral é, à primeira vista, uma prática musical coletiva. Contudo, ao escutarmos com mais atenção a multiplicidade de vozes que se entrelaçam, percebemos que há algo mais que harmonia e técnica: há sujeitos em relação. Este resumo expandido tem como objetivo discutir a experiência de cantar em um coral, especialmente no Coral Unijuí, a partir de uma perspectiva psicanalítica, abordando os efeitos subjetivos dessa prática e suas articulações com o laço social.

A psicanálise, desde Freud, se interessa pelas manifestações do sujeito nos mais diversos contextos culturais. Em Lacan, a voz, o corpo e o desejo ganham destaque enquanto dimensões fundamentais da subjetividade. Cantar, e especialmente cantar com outros, implica em entrar em uma lógica de escuta, de sincronia, de lugar na cadeia simbólica. O coral, então, aparece como um espaço de inscrição do sujeito na linguagem por meio da voz.

METODOLOGIA

Este estudo possui caráter qualitativo e natureza descritivo-reflexiva, fundamentado em revisão bibliográfica e na análise teórica a partir da psicanálise. Foram utilizados como referenciais principais autores da psicanálise de orientação lacaniana, como Lacan e Brousse, bem como relatos e observações oriundos da experiência no Coral Unijuí.

A abordagem adotada é interpretativa, buscando articular conceitos psicanalíticos, tais como voz, gozo, identificação e laço social, com elementos observados na prática coral. A



experiência no Coral Unijuí é tomada como estudo de caso não estruturado, servindo como eixo narrativo para pensar as implicações subjetivas do canto coral.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A atividade coral requer escuta, disciplina, afinação, silêncio e, paradoxalmente, presença. Não se trata de uma simples soma de vozes, mas de um arranjo que depende da posição de cada um em relação ao outro. Segundo Lacan (1953/1998), o sujeito é efeito da linguagem e só se constitui na relação com o Outro. No coral, o Outro se presentifica na partitura, no regente, no grupo e na expectativa de harmonia. Há um lugar a ser ocupado, ou melhor, um lugar a ser inventado a cada execução musical.

O Coral Unijuí, enquanto projeto institucional da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, agrega diferentes sujeitos, estudantes e membros da comunidade externa, em torno da prática musical. Essa heterogeneidade marca o coletivo com uma multiplicidade de histórias, desejos e identificações que não se apagam na uniformidade da música, mas que justamente ali ganham expressão.

O canto pode ser compreendido como um ato sublimatório, na medida em que implica a renúncia à realização direta das pulsões sexuais e agressivas, transformando-as em produção estética. A voz, nesse contexto, torna-se um veículo de sublimação, servindo como via de descarga pulsional que, ao invés de se satisfazer no imediato, é redirecionada para a criação artística. Assim, ao cantar, o sujeito encontra uma forma de expressar seus afetos e de dar corpo ao indizível, fazendo da voz não apenas um som, mas um gesto simbólico que inscreve sua singularidade no coletivo.

Cantar em grupo é, portanto, um ato de inscrição no laço social. O sujeito não desaparece na massa, mas encontra formas de se fazer ouvir, mesmo na harmonia. O coletivo não anula a singularidade; antes, a sustenta e a exige. Como afirma Brousse (2007), o sujeito do inconsciente se apresenta também nas formas de agrupamento, nos modos de gozo partilhado.

A psicanálise lacaniana concebe a voz como uma parte do corpo que se separa e se articula ao desejo do Outro (LACAN, 1960/2003). No coral, a voz do sujeito é convocada a se ajustar a uma estrutura preexistente (a música), mas também a encontrar seu lugar próprio



nesse arranjo. Esse movimento entre o singular e o coletivo mobiliza afetos, fantasias e identificações.

Não é raro que participantes de um coral relatem experiências de prazer, de catarse, de emoção intensa ao cantar com outros. Tais vivências podem ser compreendidas como formas de gozo, no sentido psicanalítico: algo que ultrapassa o princípio do prazer, que marca o corpo com uma intensidade não inteiramente simbolizável. O canto coral oferece ao sujeito uma via possível de elaboração de sua divisão, de seu mal-estar, ao mesmo tempo em que sustenta uma pertença que não apaga a diferença.

A regente, por sua vez, pode ser lida como um representante do Outro simbólico, que organiza, distribui, interpreta e dá sentido à multiplicidade de vozes. A transferência se faz presente, há amor, resistência, idealização e também confronto. O canto, nesse contexto, é também um modo de relação com esse Outro, com a Lei, com o desejo.

Fundado com o intuito de promover a cultura musical e integrar a comunidade acadêmica, o Coral Unijuí representa uma experiência viva da articulação entre arte, educação e subjetividade. Mais do que um espaço de ensaio e apresentação, o coral é um dispositivo que convoca os sujeitos a se implicarem: com a música, com o grupo, consigo mesmos.

Relatos de participantes do Coral Unijuí frequentemente mencionam a importância afetiva do grupo, a superação da timidez, o alívio do estresse acadêmico e a descoberta de potências vocais e subjetivas antes desconhecidas. Esses efeitos não são secundários: são centrais para compreender o coral como um lugar de elaboração subjetiva, onde o canto não é apenas voz sonora, mas expressão de um sujeito que se endereça ao Outro.

Nesse sentido, o Coral Unijuí pode ser compreendido como uma experiência de laço simbólico que permite ao sujeito operar deslocamentos em sua posição subjetiva, reorganizando identificações e reinscrevendo sua relação com o desejo e com o corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de cantar em um coral, especialmente no contexto do Coral Unijuí, permite articular arte e subjetividade em um movimento que não é apenas estético, mas também ético. A psicanálise oferece ferramentas para compreender os efeitos dessa prática



sobre o sujeito, revelando como a voz, o corpo, o desejo e o laço social se entrelaçam no ato de cantar.

Mais do que uma atividade cultural, o coral constitui um espaço de experiência com o Outro, onde o sujeito pode se escutar e ser escutado de uma forma que mobiliza aspectos profundos de sua constituição. Em tempos marcados pelo individualismo e pela fragmentação do laço social, práticas como o canto coral sustentam formas de coletividade que não apagam a diferença, mas a escutam e, com sorte, a harmonizam.

Palavras-chave: Coral; Psicanálise; Subjetividade; Laço social; Voz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROUSSE, M-H. *O sujeito do inconsciente e os agrupamentos humanos*. In: NASIO, J.-D. (Org.). *Como trabalha um psicanalista*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

LACAN, J. O seminário, livro 11: *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (1953-1954). Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.